

BREVES REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL-COGNITIVA PARA UM ENSINO DE GRAMÁTICA EM TRÊS EIXOS

Matheus Costa da Silva

*Pós-graduando em Língua Portuguesa (Curso de Especialização em Língua Portuguesa
do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português – CELP/ILP)*

matheus.linguistica@gmail.com

Vitor Fernandes Gonçalves

*Mestrando em Linguística (Programa de Pós-graduação em Linguística
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)*

RESUMO: Nas últimas décadas, sobretudo após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 2000), o ensino de língua portuguesa tem ocupado cada

ABSTRACT: In the last decades, especially after the establishment of the National Curricular Parameters (BRASIL, 1998; 2000), Portuguese teaching has continuously become

vez mais espaço nos debates acadêmicos. A necessidade de se buscarem novas metodologias que substituam a abordagem descontextualizada da gramática em sala de aula, estratégia ainda muito adotada pela maioria dos professores, levou diversos pesquisadores de renome, como Franchi (2006), Antunes (2014), Vieira & Brandão (2014), Furtado da Cunha & Tavares (2016), entre tantos outros, a organizarem trabalhos e elaborarem reflexões que culminassem na descrição de novos caminhos para o tratamento do componente gramatical em turmas de Ensino Fundamental e Médio. Nesse sentido, acreditamos que os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional-Cognitiva, cuja perspectiva de análise toma como princípio o uso efetivo da língua em situações reais de comunicação, contribuam significativamente para uma proposta de ensino de gramática em três eixos (cf. Vieira, 2014; 2017), abordagem experimental que depende diretamente do domínio do professor sobre as teorias linguísticas contemporâneas. Assim, a partir desse raciocínio, postulamos que se torne possível destacar a relevância dos estudos de Linguística Teórica para a prática docente no Ensino Básico, principalmente no que tange à sua indispensável participação na formação do professor-pesquisador.

more central in academic debate. Most teachers still adopt a de-contextualized approach to grammar. Thus the need for replacing this approach with new methodologies has led several renowned researchers, such as Franchi (2006), Antunes (2014), Vieira & Brandão (2014), and Furtado da Cunha & Tavares (2016), to work on the description of new paths towards teaching grammar in Elementary and High School classes. Therefore, we believe that the Functional-Cognitive Linguistics' framework, anchored in the use of language in real communicative situations, strongly contribute to a proposal of grammar teaching according to three axes (cf. Vieira, 2014; 2017). This proposal corresponds to an experimental approach which depends directly on the teacher's knowledge on contemporary linguistic theories. Hence, we posit that it is possible to highlight the relevance of Theoretical Linguistics to teachers' practices in Elementary and High School, especially in terms of its indispensable role in the teacher-researcher's development.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional-Cognitiva; Ensino de gramática; Língua Portuguesa.

KEYWORDS: Functional-Cognitive Linguistics; Grammar teaching; Portuguese language.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o ensino de língua materna tem sido objeto de estudo de importantes projetos de pesquisa. Após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) nos anos de 1998 e 2000, o componente gramatical¹, por muito tempo abordado de forma descontextualizada em salas de aula de Ensino Fundamental e Médio, ganhou uma nova roupagem e se tornou alvo de discussões teóricas que, cada vez mais, permeiam o ambiente acadêmico.

Nesse sentido, na tentativa de propor métodos mais eficazes para o ensino do português nas escolas brasileiras, pesquisadores e linguistas ligados à Educação têm travado reflexões pautadas, sobretudo, nas seguintes questões: “o que ensinar?” e “como ensinar?”. Embora os PCN definam o programa específico dos conteúdos a serem abordados em cada ano de escolaridade, ainda se faz necessário definir o foco das aulas de língua: se devem estar pautadas somente na recepção e produção de textos escritos, dando à gramática o papel meramente instrumental, ou se esta também deve ser uma das protagonistas nesse processo.

Neste trabalho, defendemos que a gramática seja não o objetivo principal das aulas de língua portuguesa, tratada de forma descontextualizada e detida em si mesma, mas sim um recurso importante e ativamente relacionado às propostas pedagógicas, através do qual se torna possível o aprimoramento das habilidades comunicativas dos alunos — tanto do ponto de vista oral quanto do escrito. Assim, o tratamento gramatical, a partir da exploração de atividades que, de forma produtiva, estimulem uma reflexão metalinguística, funcionaria como ferramenta à ampliação do repertório linguístico, e não seria somente um apanhado de regras arbitrárias desconectadas da realidade.

Essa perspectiva, baseada na proposta de Vieira (2014; 2017), toma como ponto de partida o ensino de gramática em três frentes de trabalho, as quais,

¹ Neste trabalho, utilizamos os termos “componente gramatical”, “análise gramatical” e “tratamento gramatical” como formas de referência às reflexões linguísticas empreendidas por alunos e professores em sala de aula. Trata-se, portanto, de um rótulo a uma abordagem descritiva — e não prescritiva — da língua.

ainda segundo a autora, podem estar fundamentadas em diferentes correntes da Linguística Teórica Contemporânea. Desse modo, este artigo objetiva identificar, em primeira instância, quais seriam, em termos teórico-metodológicos, as principais contribuições da Linguística Funcional-Cognitiva, corrente de análise centrada no uso da língua, para um ensino de gramática em três eixos, considerando que, nesse processo, precisamos contemplar i) uma abordagem reflexiva da gramática, ii) a análise da expressividade de recursos usados na composição textual e iii) a identificação da variação entre as instanciações, que caracterizam as normas e variedades do português.

Para cumprir nosso objetivo, organizamos este artigo em quatro seções. A primeira seção tratará dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional-Cognitiva — mais especificamente, daqueles que se aplicam à nossa proposta neste momento. A segunda, por sua vez, trará à tona os conceitos relativos ao ensino de gramática em três eixos. A terceira será constituída pela associação entre a teoria ora apresentada e o método selecionado para a abordagem gramatical em sala de aula. A quarta e última seção, por fim, abarcará nossas considerações finais acerca do tema proposto.

Dessa forma, a partir das análises aqui empreendidas, esperamos contribuir para os estudos sobre o ensino de língua materna, reforçando a importância do papel da Linguística Teórica (em particular, da Linguística Funcional-Cognitiva) na formação do professor de língua portuguesa de Educação Básica e do domínio que este deve ter sobre essas teorias, para que elabore aulas mais consistentes e produtivas para seus alunos.

1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL-COGNITIVA: ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS²

Segundo Martelotta e Kenedy (2015: 14), uma abordagem funcionalista dos estudos linguísticos

“caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo,

² Nesta subseção, apresentaremos brevemente os pressupostos teóricos funcionalistas e cognitivistas os quais, juntos, compõem parte do aparato que estamos denominando Linguística Funcional-Cognitiva e se encaixam com a proposta de ensino de gramática por nós adotada. Nesse sentido, não convém que tratemos desses conceitos de forma isolada, e sim buscando relacioná-los entre si, posto que é sua integração a responsável por caracterizar tal corrente teórico-metodológica. Os interessados em se aprofundar na teoria ora descrita devem buscar as referências que adotamos para este artigo, uma vez que não seja este o objetivo de nosso trabalho.

mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.”

Assim, para os funcionalistas, a constituição formal das construções gramaticais seria motivada por fatores de ordem discursivo-pragmática, de modo que a variação e a mudança linguísticas estejam atreladas não apenas a pressões de ordem morfosintática, como também a fatores socioculturais. Dessa forma, os estudos funcionalistas contemporâneos, sobretudo os que têm se desenvolvido na última década, vêm adotando uma perspectiva de interface que congrega pressupostos do Funcionalismo Norte-americano Clássico e da Linguística Cognitiva. Mais especificamente, a ideia de que exista uma relação simbiótica entre discurso e gramática — ou seja, entre o uso efetivo da língua e a sua configuração estrutural — encontrou na descrição de processos cognitivos de domínio geral um caminho para justificar as motivações discursivo-pragmáticas que atuam sobre a (re)organização de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do sistema. Afinal, para linguistas cognitivistas, a estrutura linguística “não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso” (MARTELOTTA, KENEDY, 2015: 16).

Em outras palavras, é a interação do indivíduo com o meio sociocultural que permite que suas experiências sejam conceptualizadas cognitivamente, inclusive aquelas relacionadas à língua(gem). Assim, as motivações acima descritas estão tão associadas a princípios relativos à estrutura linguística e sua organização no discurso (a iconicidade, a informatividade, a marcação e a distribuição da informação em planos discursivos, por exemplo), quanto à atuação simultânea de processos cognitivos de domínio geral sobre tais princípios (categorização, analogia, projeções metafóricas e metonímicas, *chunking* e memorização enriquecida).

1.1. Os princípios funcionalistas norteadores deste trabalho

Consoante Givón (1984 *apud* FURTADO DA CUNHA *et alii*, 2013: 22), iconicidade é “a correlação motivada entre forma e função”, já que, nessa perspectiva, a língua reflete a conceptualização gerada na mente do falante. Assim, há uma relação íntima entre diversos padrões fonológicos e morfosintáticos e seu papel nos planos semântico, pragmático e discursivo. A análise dessas relações se dá a partir de três subprincípios, a saber, i) o

subprincípio da quantidade, que postula que, quanto maior a quantidade de informação, maior será a quantidade de material linguístico; ii) o subprincípio da proximidade, segundo o qual elementos próximos cognitivamente também estarão próximos linguisticamente; e iii) o subprincípio da ordenação linear, que afirma que os elementos mais tópicos de uma frase costumam a aparecer primeiro na cláusula, e as orações, por sua vez, comumente seguem a ordem temporal na qual os eventos aconteceriam na realidade.

Uma vez que se observe a relevância da natureza da informação para a codificação da estrutura linguística, pode-se afirmar que o princípio da iconicidade está diretamente relacionado à noção de informatividade, que se refere ao grau de compartilhamento de conhecimento entre os interlocutores sobre determinado referente. Nesse sentido, infere-se, por exemplo, que conceitos novos — aqueles nunca antes mencionados — tendam a apresentar maior quantidade de material linguístico, dada a necessidade de contextualizá-los e explicá-los no discurso. Por outro lado, referentes velhos tendem a apresentar menor quantidade de material, por já serem conhecidos pelos interlocutores e, assim, dispensarem maiores detalhamentos.

O princípio da marcação, por sua vez, diz respeito à existência de estruturas linguísticas que sejam mais ou menos salientes ao ouvinte/leitor na cena comunicativa. Givón (1990 *apud* FURTADO DA CUNHA *et alii*, 2013: 24) aponta três aspectos relacionados a esse princípio: i) a complexidade cognitiva, pois as estruturas marcadas precisam de maior esforço para seu processamento; ii) a complexidade estrutural, porque as estruturas marcadas costumam ser maiores ou mais complexas que as não-marcadas; e iii) a distribuição de frequência, já que as estruturas marcadas tendem a ser menos frequentes que suas contrapartes não-marcadas. Assim, segundo o princípio da iconicidade, as motivações que levam, por exemplo, à ordenação de um participante sujeito na cláusula estariam relacionadas a uma questão informacional e poderiam resultar, a depender de sua posição, numa construção menos ou mais marcada (configurando, respectivamente, as ordens indireta e direta dos termos da oração).

Por fim, a distribuição das informações em planos discursivos resulta da existência de elementos mais perceptíveis (figura) e outros menos perceptíveis (fundo) na composição textual. Pode-se relacionar essa noção à questão da marcação, uma vez que aquilo que é mais recorrente, logo menos marcado, tenderá a assumir a posição de fundo, enquanto as estruturas marcadas estão mais propensas a assumirem a posição de figura.

1.2. Processos cognitivos gerais e sua atuação sobre a linguagem

Associadas aos princípios funcionalistas anteriormente apresentados, a categorização e a analogia compõem um quadro de processos cognitivos responsáveis por relacionar elementos linguísticos a partir da análise de características por eles compartilhadas e a associação destas aos padrões da construção que se estabelece como um protótipo. A categorização é entendida por Lakoff e Johnson (1980) como uma forma de compreender o mundo, já que categorias são preenchidas, a partir de experiências corporificadas e culturais, por elementos com características prototípicas extensíveis a outros elementos dentro de um contínuo. A existência de um protótipo, por seu turno, permite a criação e consolidação de novos usos, semelhantes aos anteriores, através da muito produtiva — e também econômica — analogização. A analogia consiste, então, sob a ótica da Linguística Funcional-Cognitiva, na elaboração de novas maneiras de dizer, a partir da associação com estratégias pré-existentes no sistema. Isso significa que, mesmo que se construam novos padrões, estes guardam em sua essência uma semelhança com padrões já estabelecidos na língua.

Também fazem parte desse escopo de processos as projeções metafóricas e metonímicas empreendidas pelos falantes no momento da conceptualização das estruturas linguísticas. Segundo Lakoff e Johnson (1999 *apud* FURTADO DA CUNHA, 2013), o ser humano organiza a linguagem também por meio de metáforas. Elas são responsáveis por mapear características de um domínio e projetar em um alvo para estabelecer relação entre conceitos, principalmente entre aqueles mais abstratos que são projetados em conceitos mais concretos. Lakoff e Johnson (1980: 4) também afirmam que, se nosso sistema conceptual é metafórico e a comunicação está baseada nesse mesmo sistema, a língua manifestará sua organização, o que relaciona esse processo ao princípio da iconicidade anteriormente descrito. Por sua vez, a projeção metonímica, de acordo com Lakoff e Turner (1989 *apud* FURTADO DA CUNHA, 2013), é um mapeamento dentro de um mesmo domínio cognitivo — diferente da metáfora, que articula domínios diferentes. Com isso, um elemento pode ser utilizado para fazer referência a outro do mesmo domínio.

Nos termos de Bybee (2010), o *chunking* (“agrupamento”) e a memorização enriquecida também representam processos cognitivos que atuam sobre a linguagem. O primeiro aponta para a ideia de que a sequência de unidades é concebida como um único bloco, o qual se combina com os demais segundo a proximidade que mantêm no nível conceptual. Em outras palavras, próximo do que seja o princípio da iconicidade, esse processo define que

aquilo que se configura junto na mente também tende a estar junto na estrutura das orações. Já a memória enriquecida diz respeito à ampliação do repertório linguístico dos usuários a partir de sua exposição frequente aos contextos em que ocorrem as construções. Logo, a estocagem dos detalhes fonéticos de vocábulos ou de construções inteiras, dos seus significados e das inferências associadas a enunciados se inicia na experiência dos usos da língua (tanto de leitura quanto de escrita).

2 O ENSINO DE GRAMÁTICA EM TRÊS EIXOS: UMA PROPOSTA EXPERIMENTAL³

Reconhece-se que o ensino de língua portuguesa nas escolas da Educação Básica tem se mostrado, grosso modo, de duas formas: a gramática ensinada como exercício de metalinguagem, ou seja, como um fim em si mesmo, e a língua apenas como instrumento para produção e recepção de textos. No primeiro caso, a análise gramatical está muito mais ligada ao ensino de um conjunto de regras arbitrárias do que a um conjunto de regras naturais da língua. No segundo caso, nota-se que os alunos não conseguem compreender e produzir diversos textos por, em geral, não refletirem e não saberem reconhecer a função das estruturas linguísticas na composição de sequências escritas em uma variedade não acessada fora do ambiente escolar.

Ao longo da leitura dos PCNs, porém, é possível observarmos o lugar cativo que possuem as reflexões linguísticas no âmbito da descrição das diretrizes para o ensino de língua portuguesa. Apesar de, claramente, a concepção discursiva de língua adotada nos documentos oficiais apontar para uma abordagem centrada em atividades que englobem o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos, também é inegável o tratamento que os PCNs dão à análise gramatical enquanto atuante nesse processo. Afinal, segundo o disposto nas diretrizes para o Ensino Médio, “o ensino de gramática não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como um mecanismo para a mobilização de recursos úteis à implementação de outras competências, como a interativa e a textual” (BRASIL, 2000: 78).

³ Vieira (2017) menciona o caráter experimental desta abordagem de ensino de gramática, uma vez que essa tenha se desenvolvido no âmbito da disciplina Gramática, Variação e Ensino do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), cujas dissertações orientadas pela Professora consistem em experiências desenvolvidas pelos mestrandos em turmas de Ensino Fundamental da rede pública do Rio de Janeiro.

Além de promoverem a compreensão e a utilização apropriada da linguagem em diferentes contextos com distintos propósitos comunicativos, as reflexões linguísticas empreendidas em sala de aula, conforme se observa nas diretrizes para o Ensino Fundamental, devem ainda proporcionar aos alunos a reflexão “sobre os fenômenos de linguagem, particularmente os que tocam a questão de variação linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” (BRASIL, 1998: 59).

A partir disso, torna-se imprescindível a elaboração de métodos que deem conta desses eventos. Nessa perspectiva, a proposta experimental de Vieira (2014; 2017) para o ensino de gramática se mostra bastante interessante, pois contempla aspectos do estudo da língua segundo os quais, numa relação simbiótica, combinam-se as análises linguísticas, os estudos dos sentidos no texto e o reconhecimento da interface entre língua e sociedade.

Para tanto, ao apresentar sua proposta de ensino de gramática em três frentes de trabalho, Vieira (op. cit.) seleciona as atividades reflexivas envolvendo a gramática como sendo o eixo transversal aos outros dois, tendo em vista que o eixo da análise textual e o do estudo das variedades linguísticas dependem diretamente da sistematização que o professor, enquanto mediador de saberes, propõe em conjunto com os alunos em sala de aula. Sendo assim, partindo dos postulados de Franchi (2006), a autora retoma o conceito de atividade metalinguística enquanto aquela que resulta naturalmente da necessidade de sistematização de características da língua observadas em atividades linguísticas (exercício do saber gramatical internalizado que os alunos levam para a escola) e epilinguísticas (resultantes de exercícios de exploração e experimentação com a linguagem). Nesse sentido, a metalinguagem se torna não um fim em si mesma, mas um recurso, construído de forma consciente, capaz de auxiliar no aprimoramento das competências comunicativas dos alunos ao realizarem tarefas constituídas, por exemplo, de identificação de recursos expressivos na composição textual. Paralelamente, defendendo a ideia de que os três eixos do ensino de gramática sejam interdependentes e que, sob esse prisma, não seja possível, tampouco eficiente, explorar somente um deles em detrimento dos outros, a autora propõe o segundo eixo, pautado na produção de sentidos. Assim, tanto no âmbito da recepção quanto no da produção efetiva de textos, os alunos precisam estar atentos à seleção linguística para o cumprimento de cada objetivo comunicativo no momento das interações. A atenção a esse princípio só se torna possível, é claro, por meio da consulta à sistematização oriunda do saber desenvolvido ao longo da observação do funcionamento da língua em uso (eixo 1).

Finalmente, uma vez caracterizadas as estruturas linguísticas, seu funcionamento e os sentidos que elas produzem nos mais diversos eventos e contextos comunicativos, cabe neste ponto o trabalho com o terceiro eixo para o ensino de gramática: a observação e o reconhecimento das variedades linguísticas, tendo em vista não só a apropriação, por parte do aluno, da chamada “norma-padrão”⁴, como também a desconstrução da ideia equivocada acerca da homogeneidade linguística e, mais ainda, dos preconceitos subjacentes a essa perspectiva. Esse eixo, também conectado simbioticamente aos demais, permite aos alunos o conhecimento de normas linguísticas diferentes daquelas por eles conhecidas e dominadas, a partir do estudo de estruturas morfosintáticas típicas de contextos mais monitorados, além de proporcionar a ampliação de seu repertório sociocultural, através da análise da associação entre os processos de variação e mudança linguísticas e os contextos sócio-históricos a eles relacionados.

3. LINGUÍSTICA FUNCIONAL-COGNITIVA E ENSINO DE GRAMÁTICA EM TRÊS EIXOS: UMA COMBINAÇÃO POSSÍVEL

Como expusemos anteriormente e segundo o que é possível observar no cotidiano das aulas de português, o tratamento dispensado à gramática nos níveis Fundamental e Médio ainda está muito atrelado à visão prescritiva de língua. Por conseguinte, não raro nos deparamos com a exposição massiva de regras arbitrárias que em nada ajudam a ampliar o aparato linguístico e a desenvolver a habilidade comunicativa de nossos alunos.

A proposta de ensino de gramática em três eixos, porém, caminha na contramão dessa visão retrógrada, não só por sugerir um novo olhar sobre a própria gramática, mas também por demandar do professor o domínio das teorias linguísticas contemporâneas, as quais, em tese, ofereceriam melhor embasamento para a elaboração de sequências didáticas mais eficientes e produtivas. Desse modo, longe de querermos propor uma solução definitiva para os problemas no âmbito da educação linguística — sobretudo, por sabermos que há outras questões importantes não contempladas neste artigo —, nosso intuito é destacar o papel catalisador que essas teorias, em particular, a Linguística Funcional-Cognitiva, podem exercer sobre a realidade da sala de aula, reforçando, assim, sua importância também para a

⁴ Utilizamos o termo “norma-padrão” neste trabalho como referência às regras gramaticais prescritas pela tradição normativa.

formação do professor-pesquisador. Então, perguntamos: de que forma essa corrente teórica auxiliaria nesse processo? Para ilustrar esse ponto de vista, selecionamos para a exemplificação de nossa análise o trabalho com as classes de palavras.

Na grande maioria das escolas, o tratamento dispensado a esse conteúdo nas aulas de português costuma estar limitado à exposição de definições baseadas numa mistura de critérios de cunho semântico, morfológico e sintático, por vezes, contemplando apenas um ou dois deles. Tais definições são comumente consideradas suficientes para o domínio dessas classes pelos alunos, inclusive funcionando como ferramenta para diferenciá-las de outros grupos. Entretanto, a literatura linguística contemporânea questiona essas definições, argumentando a favor da descrição da diversidade de formas e da polifuncionalidade das classes de palavras na nossa língua.

Sob essa perspectiva, é válido pontuarmos que, se nos próprios estudos linguísticos a categorização dos vocábulos em classes é feita somente a partir da observação atenta de seus usos para que, então, sejam construídas generalizações, na escola não deveria ser diferente. Nesse sentido, ainda que ensinar gramática em três eixos, segundo Vieira (2014; 2017), pressuponha a atuação simultânea de diversas vertentes teóricas, posto que sobre cada um deles atuaria uma vertente específica, acreditamos que uma linha de análise centrada no uso efetivo da língua seja mais eficiente nesse processo — afinal, ela consideraria um estudo pautado na relação entre forma e sentido das construções linguísticas. Por esse viés, a Linguística Funcional-Cognitiva auxiliaria o professor na preparação e no desenvolvimento de atividades que, a partir da análise de diferentes gêneros textuais, em seus mais diversos contextos de uso, valorizassem, por parte dos alunos, a experimentação com a linguagem, a apreensão e a produção de sentidos, a reflexão metalinguística e, ainda, o estímulo ao pensamento científico.

Em se tratando do primeiro eixo do ensino de gramática, ressaltamos a relevância dos processos cognitivos de domínio geral para a sistematização da forma e do funcionamento das classes de palavras na língua, a partir das generalizações que o professor pode sugerir em conjunto com seus alunos. Tais generalizações, porém, só se tornam possíveis se, por intermédio de atividades metacognitivas (*cf.* GERHARDT, 2016) empreendidas em sala de aula, esse mesmo professor reconhecer a atuação simultânea dos processos de categorização e analogia, através dos quais, compreendendo e comparando a organização das palavras em enunciados, os alunos conseguiriam estabelecer relações entre características destas e, em sequência, tecer comentários que

busquem a descrição morfológica, semântica e sintática desses vocábulos, distribuindo-os em classes.

Neste caso do eixo 1, especificamente, a apreensão das relações gramaticais pelo aluno depende de que o professor seja capaz de reconhecer a importância das habilidades cognitivas gerais para, então, elaborar propostas pedagógicas mais eficazes. No entanto, isso não dispensa o trabalho da análise formal das construções, que também pode estar associada ao domínio funcionalista, desde que seja feita a partir do estudo da língua em uso, como propõe o eixo 2. Assim, a identificação de estruturas mais ou menos marcadas, conforme prevê o princípio da marcação, auxiliaria na caracterização de palavras de classe aberta, sobretudo se levarmos em conta, por exemplo, a ordenação entre substantivo e adjetivo em sintagmas nominais (por exemplo, “velho amigo” e “amigo velho”, em que ambas as construções, a depender do seu contexto de uso, podem significar tanto “um amigo de longa data” quanto “um idoso que se torna amigo de alguém”, o que acarretaria a alteração das classes dos itens “velho” e “amigo”).

Em relação ao segundo eixo, Vieira (2019: 62), retomando Neves (2006), já inclui a concepção funcionalista de análise linguística como ferramenta importante na consideração de fenômenos gramaticais para a produção de sentidos. Afinal, sob a ótica funcional-cognitiva, a gramática emerge do uso e, da mesma forma, alimenta-o em diferentes contextos sociocomunicativos. Então, convém destacarmos, no âmbito dos processos cognitivos de domínio geral, o papel da metáfora e da metonímia na expansão do escopo semântico das construções gramaticais e, conseqüentemente, no auxílio à construção de uma memória enriquecida das estruturas linguísticas. Além de essas habilidades estarem associadas ao próprio uso que os alunos fazem da língua, sua percepção na composição dos textos permite, ainda, uma apropriação de construções a que os próprios discentes poderiam recorrer no momento da produção textual, apostando no armazenamento que teriam feito durante a sua exposição frequente às leituras selecionadas pelo docente. Ademais, a atuação delas sobre a língua resultaria em novas reflexões sobre a sistematização realizada no escopo do eixo 1, uma vez que, através de metáforas cognitivas, um mesmo vocábulo poderia transitar em categorias gramaticais distintas, como ocorre, por exemplo, com o advérbio “embora” (já fruto de um processo de gramaticalização) e a conjunção subordinativa adverbial concessiva “embora” (“Vamos embora” e “Embora estivesse chovendo, o avião decolou”), dadas as analogias que são feitas sobre ele no momento da expansão de seu sentido.

Ainda no plano do eixo 2, cabe destacarmos a atuação dos princípios funcionalistas descritos na seção 1 sobre a apreensão e produção de sentidos. A relação entre a forma gramatical e o sentido que ela assume em diferentes eventos comunicativos depende diretamente da percepção que os alunos tenham dos objetivos centrais dos textos em estudo e dos contextos discursivos em que estes foram produzidos. Assim, a iconicidade, associada tanto à ordenação quanto à proximidade e à quantidade de material linguístico, justificaria a escolha de vocábulos, por exemplo, para a composição de uma sequência textual argumentativa (palavras de caráter avaliativo e operadores argumentativos). Paralelamente, a identificação da carga informacional relativa aos referentes do texto pode estar ligada à seleção de palavras (determinantes e modificadores) para a composição dos sintagmas, dadas as necessidades de construção referencial dos termos designadores (majoritariamente, substantivos), o que falaria a favor, mais uma vez, da apropriação adequada dos conceitos sobre as classes de palavras e seu papel funcional. Por fim, o reconhecimento das relações gramaticais e a percepção da combinação entre esses elementos demonstram o papel do processo de agrupamento (*chunking*) na organização interna dos sintagmas e em sua combinação da estruturação das cláusulas.

Finalmente, em referência ao eixo 3, pontuamos que as análises elaboradas no âmbito dos eixos anteriores, principalmente se atreladas à concepção centrada no uso da língua(gem), já permitem a caracterização da variação e da mudança linguísticas e, mais especificamente, a construção dos saberes associados à relação entre os planos sociocultural e histórico e o plano da constituição gramatical. Se, em sala de aula, o professor orienta um trabalho de análise linguística que toma o uso efetivo da língua como ponto de partida para a sistematização metalinguística, não só é possível explorar aspectos de uma dita “norma-padrão”, como também é possível que se tornem mais evidentes para os alunos as implicações que a pluralidade social e cultural, em consonância com a passagem do tempo, exerce sobre a existência de variantes linguísticas. Sob esse prisma, o reconhecimento de padrões sociais, por intermédio do estudo das atividades linguísticas em diversos gêneros textuais, permite identificar, inclusive, os argumentos para o culto a uma norma de prestígio (necessariamente apresentada aos alunos ao longo das aulas de metalinguagem) e o conseqüente preconceito oriundo desse pensamento consoante o estigma social que as normas populares carregam. No entanto, a fim de que esses aspectos sejam tratados produtivamente, o professor deve ter em mente a) que, numa ótica funcional-cognitiva, a estabilidade, a variabilidade e a mudança convivem nas práticas linguísticas e

b) que os usos linguísticos, tomados em seu contexto efetivo de ocorrência, são motivados por três fatores primordiais: a própria estrutura da língua, os condicionamentos histórico-sociais e, como destacamos anteriormente, o aparato cognitivo dos falantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve trabalho, objetivamos propor reflexões de ordem teórica que pudessem situar a Linguística Funcional-Cognitiva frente aos estudos de ensino de gramática, a saber, em uma aplicação nos três eixos para a sua prática. Apesar de reconhecermos que outras correntes de análise linguística possam contribuir — e muito — para o desenvolvimento dessa metodologia, sobretudo se utilizadas em parceria, acreditamos que uma perspectiva de análise centrada no uso dê conta de uma abordagem da gramática cuja essência adota como premissa o trabalho com a língua em pleno funcionamento.

Tendo em vista nossa exposição, acreditamos que tenha ficado clara a importância do domínio dos pressupostos teóricos das correntes linguísticas contemporâneas — em particular, da Linguística-Funcional-Cognitiva — para a formação do professor-pesquisador. Assim, ele poderá não apenas reconhecer os processos cognitivos demandados nas atividades pedagógicas que envolvam a língua, como também aplicar tais pressupostos na elaboração de sequências didáticas que valorizem um ensino de gramática mais produtivo, pautado na reflexão e no pensamento científicos, e não somente na prescrição e descrição puras, desconectadas de qualquer possibilidade de apropriação pelos alunos.

Por fim, esperamos, ainda, que estas reflexões suscitem novas investigações teóricas acerca da interface proposta e sejam também um convite a aplicações práticas, em salas de aula, do viés funcionalista às três frentes de trabalho ora descritas para o ensino de gramática.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando 'o pó das ideias simples'*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *PCN+ Ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: Linguagem, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge : Cambridge University Press, 2010. 252p.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática”?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Evaldo; SILVA, José. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica ; TAVARES, Maria Alice. (orgs.) *Funcionalismo e ensino de gramática*. 1ª ed. Natal : EDUFRN, 2016.

GERHARDT, Ana Flávia. *Ensino de gramática e desenvolvimento metalinguístico: teorias, reflexões e exercícios*. Campinas, SP: Pontes, 2016.

GIVÓN, Talmy. *Syntax : a functional-typological introduction*. V. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, Talmy. *Syntax : a functional-typological introduction*. V. II. Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, Talmy. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George ; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago : The University of Chicago Press, 1980. 256p.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason : a field guide to poetic metaphor*. Chicago/London: UCP, 1989.

MARTELOTTA, Mário ; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica;

OLIVEIRA, Mariângela; MARTELOTTA, Mário. (orgs.) *Linguística Funcional : teoria e prática*. 1ª ed. São Paulo : Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2014.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Orientações oficiais para o ensino de gramática: uma proposta em três frentes de trabalho*. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional das Licenciaturas, Natal/RN, 8 a 12 de dezembro, 2014.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática. In: Vieira, S. R. (org.) *Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Ensinando gramática em três eixos: conectivos e conexão de orações. In: ARENA, Ana; ROSÁRIO, Ivo; AGUIAR, Milena; LOPES, Monclar. *Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*. V. 1, N. 2. Niterói: Letras da UFF, 2019.

Submetido em: 17/01/2021

Aceito: 07/02/2021